

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre..... 1\$000
Anno..... 8\$000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

A VICTOR HUGO

HOMENAGEM D'A SEMANA

SUMMARIO

A Victor Hugo, homenagem d'A Semana. —Carta do Dr. Luiz Delfino—Victor Hugo, Luiz Murat; Filinto d'Almeida; Arthur Azevedo; Dr. Magalhães Castro; Alberto d'Oliveira; Alfredo de Souza; Th. Banville — Novo Sol, Valentim Magalhães; 22 de Maio, Aluizio Azevedo; Os seus netos, A. Mendes — Política e Politicos, Ambrozio Severo—O crime do Rio Bonito—O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional, L. Murat— Questão litteraria—Um homem gasto, Novigo—Theatros—A Semana—Colre das graças—Collaboração: Victor Hugo, por A. Conrado, J. M. Pimentel e O. de Niemeyer; Petit Tableau, D. B. Tancredo.—Recebemos—Correio.

A SEMANA

Rio, 30 de Maio de 1885.

Meu caro amigo Valentim Magalhães: Rio, 24 de Maio de 1885.

E' cousa banal dizer-lhe o vacuo que senti em torno de mim ao saber que o maior poeta de todos os tempos acabava de pôr o pé no ultimo degráu, que transmonta do limitado ao infinito, e que os ultimos accordes d'aquella lyra eterna perderam-se no deslumbramento das visões dantescas, e nas visões mais assombrosas, do mais vidente e mais luminoso de todos os prophetas, que foi elle mesmo—Victor Hugo.

Elle desenhou-se desde muito moço no Gigante de suas balladas:

« A peine adolescent... »

Ma tête ainsi qu'un mont arrêtaît les nuages:
Et souvent, dans les cieux epiant leurs passages,

J'ai pris des aigles dans me mains.»

Quando envelheceu ainda o gigante perto do tumulo era mais forte que tudo que o rodeava:

« Il est faible; il est vieux—Sa fin est si prochaine,

Qu'à peine il peut encor deraciner un chêne,
Pour soutenir ses pas tremblants.»

Elle viveu assim: elle acabou assim.

Não teve uma queda, não teve uma derrota, não teve a ilha d'Elba, nem a ilha de Santa Helena, que são dous desastres: teve a ilha de Jersey, e a ilha de Guernesey, que são duas apotheoses.

Este homem occupa quasi todo o século XIX a historia de França.

Na politica, na litteratura, na philosophia deslocou tudo, innovou tudo, encheu tudo, porque elle era a expressão mais vasta e mais concreta da humanidade aspirando á Justiça, procurando a verdade, encarnando a miseria dos seculos, para arrancar d'ella, como de uma noute massiça, o sol da redempção do mundo.—Foi menos Deus que o Christo, e mais homem que elle.

Caminhou como um somnambulo, á beira de todos os abysmos, para sondal-os; e como uma aguia, devassou todas as imminencias, para dominal-as.

O que elle podia colher de grande, de bom, de verdadeiro dava-o a criança, á mulher, a tudo que era fraco e enfermo, porque elle queria tudo forte, são e alegre.

Foi a sua eterna preocupação...

Aquelle monstro de *Nossa Senhora de Paris*, *A Prostituida*, *O Bobo*, *O Ladrão*, *O Saltimbanco*, inspiraram-lhe as mais grandiosas paginas que se tem escripto desde Homero, Sophocles, Pericles e Eschylo até Shakespeare.

Ai! aquelle bobo, que pensa ter n'um sacco o rei de França, e tem sua propria filha, morta, mutilada, a quem elle mesmo fere, e amaldiçoa, tem gritos desesperados e lamentaveis, que nunca foram ouvidos eguaes ou mais terriveis em palco algum em que se tenha exposto o coração humano a sangrar e a gemer.

A sua doutrina humana é por vezes superior á doutrina celeste de Jesus.

—Eu teria perdoado a Judas, se fosse o Christo, exclamou elle uma vez n'um soberbo verso, que não tenho de cór.

Outra, erguendo-se mais uma vez, depois de um milhão de vezes, contra a pena de morte, termina a obra de bronze com este capitel de ouro puro e massiço:

« Peuple, le philosophe est le témoin sévère.

Si Jesus s'envolait féroce du Calvaire,
Et venait à son tour crucifier Satan,
Je dirais à Jésus: Tu n'est pas Dieu—
Va-t'en.»

Hugo, grande e mysterioso como Dante, terrível e vingador como elle, tem a simplicidade e a grandeza de Homero, a graça de Virgilio, a eloquencia e a innovação de Sophocles, a grandeza de Eschylo, a força e a amplitude de Shakespeare, e emfim é da raça dos Prometheus.

Em França antes d'elle, só Pierre Corneille em algumas tragedias, sobretudo a do *Cid*, se avantajava ao auctor do *Hernani*, e depois d'elle, e em vida d'elle só o auctor do *Leão Amoroso*, consegue

crear alguma cousa de grande. Como os dous mestres, faltando ao ultimo o lyrisimo, e aquelle verso metallico, sonoro, enorme, cujo segredo nem a Francisco Coppée legou o mestre inexcusavel.

Mas no que este homem assombroso (parece-me, nunca terá rival, é sobretudo nos seus titanicos poemas em prosa —*Nossa Senhora de Paris*, *Os Miseraveis*, *O Homem que ri*, *Os trabalhadores do mar*.

Na tragedia pôde dizer-se: o *Cid* de Corneille, *O Prometheus* de Eschylo, o *Oedipo*, de Sophocles, a *Medea* de Euripedes, todas de Shakespeare, muitas de Calderon, alguma de Goethe.

No verso o proprio Francisco Coppée, na *Guerre des Forgerons*, mostra-nos a probabilidade de poder em algum tempo apparecer um rival ao grande mestre.

Não assim na prosa, e sobretudo na prosa d'aquelles grandes poemas.

Aquillo escrevesse uma vez.

Cervantes, Rabelais, não se continuam.

Aquillo fica como marcos do poder do espirito humano no meio do oceano dos tempos.

Mas no que é preciso convir, é em que um homem, que pôde ser e é Theocrito, Juvenal, Bion, Horacio, Virgilio, Homero, Milton, Demosthenes e Cicero, que escreve as *Canções das ruas* e as *Legendas dos Seculos*, as *Punições*, *Châtiments*, e a *Historia de um crime*, *As Orientaes*, e a *Arte de ser avô*, as *Contemplações* e os *Quatro ventos do espirito*, que enfrenta com todas as alturas do espirito humano, e bate e burila as paginas de bronze d'aquelles eternos poemas, é no conjunto de sua obra maior que todos: pôde ser acclamado o primeiro de todos os tempos.

Raphael d'Urbino seria sempre um grande pintor: a Fornarina pelo amor levantou-o, e foi-o sobreexceder-se. Parece-me que a humanidade deve muito ao crime de Luiz Bonaparte. O odio de Victor-Maria-Hugo contra o attentado d'este Napoleão, que pôde ser expresso d'esta outra maneira: o seu immenso amor á justiça, lançando-o ás ilhas inglezas, deu ao mundo, aos seculos, um exemplo do que pôde o caracter, do que consegue a convicção, do que pôde a intelligencia arma-la da justiça. Fazia bonitas canções, lindas e admiraveis cantigas para a guitarra hespanhola: mas que manjava o latego de Juvenal, o raio de Persio; era um segredo, que só o tempo desvendou. Este livro das *Punições*, eu o devia ao meu grande amor da justiça e da verdade. ás minhas grandes coleras contra todo o attentado que lhes fosse feito, diz elle em outro

livro igualmente grande.—Escrevendo historia tomou as proporções de Tacito.

E de lá do exilio sahiram depois todas essas creações colossaes que conhecemos, emquanto elle podia dizer de si o que já dissera um gigante, tallado pelo seu proprio molde, em 1825, aos soldados do Imperador-Bandido:

« . . . Ma valeur souveraine
Rit des soldats de fer, dont vos camps
sont peuplés. »

Quando nos contamos os grandes homens que n'este seculo tem enchido a generosa terra de França, quando medindo-os, ahamol-os titânicos, olympicos; perguntamos a nós mesmos espantados, de que tamanho é pois este, para encher com suas proporções todo o seculo, e deixar na penumbra todos aquelles de raça previligada e não inferior?

Eu me tenho interrogado a mim mesmo! E lenho em seguida algumas paginas de todos os maiores auctores de França, e depois passando a lér alguma de V. Hugo, sentia uma grandeza, uma elevação, um brilho, um amor da verdade, um sentimento tão bom e tão puro por esta raça infeliz, que é a humanidade, feita de cada homem, que segundo o nosso poeta é uma lagrima do olho mysterioso de Deus:

« Rogarde sans courroux le rire furieux,
Le rire, que rien ne desarme,
Dieu, vie, abime, espoir! grand œil mysterieux,
D'où tombe l'homme, cette larme! »

que só por esta comparação immediata, podemos julgar em que consiste a differença, e porque triumpho o poeta.

E a observação do Zola, que eu fiz muitas vezes tambem, que todos que se interessam por estas sublimes cousas terão feito inconscientemente:

Em toda a parte, de sua obra immensa, desde 1852, nos ouvimos sahir esta grande voz:

« En face du soleil saeré, qui nous eclaire,
J'apporte ma vieille âme, et ma vieille
colère! »

E porque me interessa esta velha alma e esta velha colera? Porque sabemos que esta velha alma é um juiz, e que esta velha colera é um julgamento: e que ambos, alma e colera, combatem por nossos destinos, por isso que combatem pela justiça. A liberdade é apenas um acto de justiça.

Qualquer, em todos os seculos porvir, poderá dizer deste homem:—Amo-o pelo interesse que elle tomou por mim.—Tal foi o interesse que tomou por todos.

Quiz no dia da morte do grande poeta escrever algumas estrophes, que reproduzissem a dor que me pungia n'aquelle instante. Escrevi qualquer cousa. Lançei ao vento em multiplos fragmentos as estrophes, que não valiam a lagrima que me empanara n'aquelle momento os olhos.

Meu amigo, eu queria dizer-lhe sómente que o acompanhino e aos nossos jovens amigos, e a todos os amigos de nosso poeta morto, pois era elle o poeta da humanidade, na demonstração da dor pelo traspasse d'aquelle, que, na phrase de um dos maiores poetas brazileiros, galgando a eterna morte assentou-se na eterna vida.

LUIZ DELFINO.

VICTOR HUGO

Victor Hugo morreu.
Eis o facto que tem preocupado ultimamente o mundo.

Preso á todas idéas luminosas, elle soube elevar a Humanidade, perulstrar todas as anfractuosidades do espirito

humano e dar ás suas obras um sopro de inspiração que as tornaram inextinguíveis, brilhantes, extraordinarias.

Em todas as luctas, quer politicas, quer litterarias, aquelle inimitavel espirito teve sempre a victoria.

Só uma cousa faltava-lhe para tornar-se maior—a morte. Morreu por isso.

Rejuvenescendo todos os dias, todos os dias enchia o mundo com as irradiações do seu genio.

A sua colera e a sua vingança eram como a dos deuses de Homero—sempre divinas.

Que Jupiter o poderia egualar quando de Guernesey elle reanimava a França abatida e derrubava com o seu verso fulminante e candente o traidor que cahio em Sedan?

Quando elle veio dizer aos francezes que elle tinha tudo premeditado, não tendo outros clarões senão os da sua cratera, que o temporal não deve rugir senão para embalar;

Puis que j'ose affirmer je ne sais quelles
regles,
D'apaisement des vents, que connais-
sent les aigles,
Mais que jamais Neron ni Sejan n'a
comprit.

Quando elle veio dizer por meio de sua musa resplendente, altiva, victoriosa, reperiendo, como um echo todos os soluços, todos os gemidos, todas as contorsões, todas as lagrimas, todas as misérias da Humanidade, que os homens são irmãos, que elles têm o mesmo fim, apesar das ondas contrarias; que tudo na terra, no cœo, lá em cima, como aqui em baixo, as tempestades, os eloque furiosos, os combates, têm harmonias nas suas profundezas; que o exilio roubou o pai a creança, que era necessario que o estado prosperasse, que era necessario civilisar o rio como o diligente ou então que o deixassem voltar para o seu negro Guernesey, Victor Hugo tornou-se o assombro da posteridade, e quando ao povo francez faltava esse extranho poder para afrontar os perigos, supera-los, erguer-se, precipitar-se vertiginosamente pelos estadios do progresso e da civilização, retemperou-se n'aquelle exemplo e um sorriso do velho pairava sobre o espirito da França como uma aguia intemperata, que lhe vinha trazer a esperança, o conforto, a energia—a victoria.

Elle era o direito reivindicado, a liberdade readquirida, o assonno mais extraordinario do vigor e da força, uma dilatação do espirito latino, a garantia da ordem, a colera sagrada, mais bella do que a colera do Sinai, mais formidavel e mais pura do que a colera de todos os deuses que povoavam a phantasia mytica da Escandinavia e do Oriente.

Victor Hugo era excessivamente grande.

Quem o lê, sem preocupações, sem os preconceitos de escola, sem a parvoíce das regras fixas, sem as infantilidades de methodos para a esthetica, que supõe a maior liberdade—a maior amplidão para desdobrar-se, para subir, para fixar-se, acha tão culminante, as suas obras são tão extraordinarias, que nos causam a sensação da possibilidade de uma queda, o arrepio nervoso da vertigem do alto.

Tudo elle sondou, desde os choques violentos, a sensação produzida pelo embate das facultades collectivas em acção, até o veio mais mysterioso e mais intimo da natureza humana.

Todo o universo com as suas sinuosidades, os seus portos negros, os seus enigmas, as suas revoluções, os seus

estremecimentos, as suas luctas subterraneas; o oceano dos seculos com os seus fluxos e refluxos; a planta, como um ovulo recebendo a fecundação da luz e do orvalho; a noite, o que ha de mais horrendo, produzindo por uma reacção espontanea a aurora—o que ha de mais bello; Babylonia com as suas festas; Roma com os seus exercitos; Grecia eternisando-se ou no Prometheo de Eschylo ou no Laocoonte de Lysippo, ou na Illiada de Homero; a voz de Deus a dizer a Raphael: « Prende Azazel, carrega-o de cadêas e precipita-o no fundo das trévas, nos abysmos do deserto de Dudail, depois cobre-o bem de montões de pedra, afim de que elle nunca mais veja a luz; o evangelho de Lucas; Satan cahindo do cœo como um raio; os maulsoléos de Keops; o *amenti*—o paiz do profundo somno e das trévas, como diz Ta-Inhotep de Memphis; o animal e a planta immortalisando-se pela chimica sagrada; o Hamman de Carthago, o Adon de Bybols, o Zegreus da Phrygia, o Moloch dos Ammonitas, o Taau funebre; Aschera ou a esposa apaixonada, Salaambo ou a afficta, todos estes mysterios, todos estes ritos que a imaginação do homem primitivo architectou, para transmitir ao homem moderno o ambiente das suas idéas religiosas, estheticas, politicas, tudo isto passou como um turbilhão de sombras, luminosas umas, poentas outras, através dos sonhos que este gigante que acaba de receber a sua ultima glorificação—a morte, durante um seculo esteve a sonhar.

O Seculo XIX nada tem a desejar ao Seculo de Homero, ao Seculo de Dante, ao Seculo de Virgilio, ao Seculo de Camões.—Brilhante pelas suas descobertas, pela solução dos problemas os mais complicados de politica, de sociologia, de moral; pela substituição da ficção pelo facto, do despotismo pela liberdade, da força pelo Direito, do privilegio pela equaldade, de Deus pelo homem, o Seculo XIX é mais brilhante ainda porque é o Seculo de Hugo, isto é, é o Seculo da Poesia.

Morrer não é desaparecer; é assentar-se. Todo aquelle que tem contribuido para o desenvolvimento do espirito de seu tempo, isto é, que tem actualo, ou melhor, que tem sido uma funcção, não morre. Viverá na razão directa do esforço vital que transmittiu ás suas obras, quer scientificas, quer litterarias, quer artisticas.

E' n'isto que está a eternidade do espirito; a reacção posthuma do individuo, insculpida n'um livro, n'um quadro, no marmore ou no bronze é o que o eternisa, é o que o prolonga através dos seculos, das gerações e das idades.

Nós somos contemporaneos de Homero, de Zoroastro, de S. Paulo, de Plauto, de Molière, de Shakespeare.

Nos vivemos nas suas obras; herdamos as suas idéas, a sua sensibilidade, as suas opiniões, o seu caracter e nos aperfeçoamos no seu exemplo. A immortalidade é isto.

E quem conseguiu mais do que Victor Hugo encher um seculo de glorias, de abnegação e de idéas?

Assim como elle vai conceder á natureza physica, atomo por atomo, os despojos sagrados do seu corpo, nós recolheremos esta grande herança, acto por acto, idéa por idéa, de modo que nada se perca, de modo que tudo quanto elle pensou, tudo quanto elle sentiu nos pertença, para que a possamos transmittir intacta ás gerações futuras.

LUIZ MURAT.

VICTOR HUGO

Tombou no coração da Europa o gigante do pensamento moderno!

Mas a sua sombra, projectando-se através dos mares que nos separam da sua patria, obscurece o nosso espirito, apaga a nossa intelligencia, aniquilla a nossa vontade. Diante do grande morto toda a palhava humana empallidece e não ha phrases, por mais radiantes e mais coloridas, que possam formar-lhe a apothese que a sua grandeza reclama.

Nem a elegia sentida da alma attribuída, nem a nenia chorosa do coração ferido podem ser recitadas à beira d'este tumulo, onde repousa todo o espirito de um seculo, todas as aspirações de uma época, todas as idéas de um largo periodo historico.

Que poderemos fazer, nós, pequenos discipulos do grande Mestre, na hora triste do seu desaparecimento?

Seguir os exemplos da sua gloriosa vi la immaculada.

Continuar a aprender na eterna lição das suas obras immortaes.

No amor que teve ás creanças ensinou-nos elle a amar a fraqueza; na protecção que dispensou aos opprimidos e aos delinquentes, no grito de suprema p.e.tade que teve para a peccadora, ensinou-nos elle a respeitar a desgraça e a perdoar o delicto; no odio que teve aos tyranos e aos despotas, ensinou-nos elle a amar a Liberdade; no culto que teve pela rectidão e na inquebrantabilidade do seu caracter, ensinou-nos elle a ser honestos e honrados; no seu entusiasmo pela Justiça, ensinou-nos elle a ser justos.

Pelas palavras e pelo exemplo, elle foi, de todos os grandes homens d'este seculo, o que mais contribuiu para a formação da nossa alma e do nosso caracter.

Parto do nosso espirito, elle alimentou com a p.e.smosa pujança do seu talento trez gerações de poetas e é e será a nia por muito tempo a grande fonte do onde humana toda a larga poesia da actualidade.

As suas assombrosas creações humanas, des le Ham de Islandia—o homunculo, até Gwynpleine—o monstro, são os eternos modelos do espirito creador d'este seculo.

Propheta, elle predisse o fim do miseravel de Sedan: Napoleão-pequeno está na historia, é verdade, mas da banda de fora, pregado na porta.

No seu passamento, já o disse n'outro lugar, ha uma cousa lastimavel: elle não deixa um successor. Mas se não podemos librar-nos nas altissimas regiões que elle alcançou, porque a Natureza não deu a outrem a formavel envergura de suas azas, dirijamos o nosso voo para o ponto do espaço onde elle pairava, e que ao menos se veja o esforço da nossa direcção.

Imitemos o Mestre, imitemos o Mestre.

FILINTO D'ALMEIDA.

Victor Hugo foi adorado por uma geração de genios, que principiou por Chateaubriand e acabou por Zola. Muitos que se prostravam diante d'aquella realoza, estão hoje esculpidos em bronze e marmore. E é o Sr. Diogo, deputado por Minas, quem nos vem dizer mal de um poeta que tem uma *claque* de estatuas!

ARTHUR AZEVEDO

A VICTOR HUGO

Mestre:

Encheste o mundo moral de tanta luz, tantas e tantas vezes te revelaste sublime, que o fetichismo dos posterios em que por certo se converterá a admiração de teus coevos so te poderá recusar o culto de um Deus porque do humano tiveste as duas grandes fraquezas de nascer e morrer!...

Côrte, 25 de Maio de 1885.

DR. MAGALHÃES CASTRO.

VICTOR HUGO

Morreu? Mentira! O sol não morre quando desce, Depois do azul immenso a curva descrever Ao tumulo do poente. Hugo desaparece, Pra amanhã, como o sol, mais claro apparecer!

ALFREDO DE SOUZA

VICTOR HUGO

(VERSÃO DE ALFREDO DE SOUZA)

Quando eu contemplo os dois bustos feitos por David os quaes foram appellidados—um Hugo-Dante e o outro Hugo-Virgilio, um muito joven, grave e doce, representando o amante apaixonado da natureza, — o outro, melancolico, altivo, banhado por uma longuissima cabelleira e coroado pelo epico laurel dos victoriosos; e, quando percorren lo a minha memoria, procuro comparal-o a estes bustos, o Hugo actual, não mais palli lo nem de carnes um pouco molles, porem firme, arrogante, queimado e ennegrecido pelo vento dos mares, com o olhar em fogo, nariz mais aquilino, cabellos livremente soltos, orelha delicada, barba branca e bem accentuada pelo bigode e pela mosca, comprida, enlata e muito negra, como o bigode, não me posso abster de achar o Hugo de hoje mais bello, e mais verdadeiro que o de 1835, assim como prefiro ao poeta das *Folhas de Outomno* e da *Legenda dos Seculos*. A sua propria fronte, menos excessiva que outrora, molelou-se de novo e com mais energia. Nos tempos de seus triumphos romanticos, Hugo era um Deus: hoje é simplesmente um homem.

TH. DE BANVILLE

NOVO SOL

« Oh!... que é isto? que sol, fantástico, assombroso, é este que ora irrompe, apagando os clarões Dos astros immortaes no espaço luminoso, Estrellas pelo céu golphando, em turbilhões? »

Pergunta Anaciel. E as azas distendendo, Morgullia no fulgor do esplendido arrebol... E, em silencio, ascendendo ao ether, ascendendo... Vae a Deus perguntar: Donde veio este sol? »

« Escuta! diz-lhe Deus—em Pariz, neste instante, Acaba de quebrar da vida ferreo jugo Um genio. Lil-o que sobe, entre Virgilio e Dante. E' elle o novo sol! — chama-se Victor Hugo! »

Maio — 1885.

VALENTIM MAGALHÃES

VICTOR HUGO

Escrever de Hugo neste momento, não é para mim... E quem o fará inteiramente desprendido d'essa dor, que é de todos, a maior que tenho experimentado com o passamento de um homem, quem quer que elle fosse em toda a existencia?...

Oxalá seja eterna a imperecedoura esta magua de abatido por elle, para celebrar a morte de Hugo, jámais eu consiga pulsar o sacro instrumento com que vivo e canto, cuja gloria vale menos por certo que o sagrado sabor de algumas dores, que acabrunham, mas como que dilatam e ennobreceem mais espirito e coração!

ALBERTO DE OLIVEIRA.

22 DE MAIO

Nesse dia, engastado para sempre na historia, do seculo XIX em diante, a melhor porção da humanidade: aquella que sabe ler, disse, ou pelo menos sentio, esta formavel phrase — MORREU VICTOR HUGO!

O mundo acabava de ver despenhar-se na immortalidade a sentinella do seculo;—acabava de ver cair por terra esse espectro negro de cabellos brancos; esse vulto tão grande, que medeava desde Chateaubriand até Francis Coppée, essa estranha eca luminosa por onde atravessou uma geração inteira de francezes.

O seculo acabava de perder o seu irmão gemeo, o seu companheiro de glorias, e cobrio-se de luto para o fim da viagem.

Bem tristes serão estes seus ultimos quinze annos desamparados: — Victor Hugo é morto!

ALCIZIO AZEVEDO

A MEMORIA DE VICTOR HUGO

OS SEUS NETOS

As doces creancinhas Que amavam tanto Hugo, Soluçam, coitalinhas, Por seu querido avo.

E diz Joanna: « Agora, Que tudo se acabou, Meu riso foi-se embora, O pranto m'o inundou. »

E Jorge tristemente: « Meu ser se transformou: Eu era sorridente E agora triste sou. »

E as doces criancinhas Que amavam tanto Hugo, Soluçam, coitalinhas, Por seu querido avo.

ARTHUR MENDES.

POLITICA E POLITICOS

A imbecilidade humana chegou até o Sr. Diogo de Vasconcellos, e parou.

Este troglodita do parlamento brasileiro tem a coragem dos ineptos e o valor dos brutos.

Parodiando o poeta allemão, posso dizer:

Leva na pata a força de um exercito.

Quem escreve estas linhas tem por S. Ex. o maior desprezo e liga tanta importancia aos seus palavroes e ás suas aldravices, como ás de qualquer arruaeiro.

Um homem como o Sr. Diogo de Vasconcellos não devia pertencer a uma corporação como a Camara dos Srs. deputados.

S. Exa. é ignorante como poucos, incapaz de escrever ou dizer duas phrazes sem quatro erros.

Na sessão do dia 27 pediu a palavra para fazer sentir á Camara que tinha necessidade de discutir a mensagem que ella vai enviar ao parlamento francez.

Começou dizendo que receiava pela relação da sobredita mensagem, porque o Brazil já tem grande fama na Europa de passar por um paiz atrazado e mesmo original.

O Sr. Zambeiro deu o seguinte áparte: « Como não ha de ser assim diante de certos factos? »

Todos comprehendem o pensamento que contém este áparte. Mas seria melhor que S. Ex. tivesse posto os pontos nos ii e dissesse ao Sr. Diogo de Vasconcellos:

« Como não ha de ser assim se elle produz idiotas como V. Ex.?

Sim, era mais correto e claro.

Diante de um facto d'esta ordem não se sabe bem o que se ha de dizer.

Injuriar o deputado que protestou contra a resolução da camara de enviar uma mensagem ao parlamento francez pela morte do maior genio do seculo, não: se o protesto já contém a sua propria injuria, se o protesto já é por si um documento do quanto vale o cerebro que o produziu? Injuriar a injuria! castigar com duas pennadas um infeliz que soffre o maior de todos os castigos—como o de ser imbecil; a maior de todas as penas como a de ser punido por si mesmo?!

Pois haverá castigo maior do que o de um homem que se levanta em pleno parlamento, isto é, no ponto mais elevado onde paira o espirito de um povo para reprovar a attitude assumida por esse mesmo parlamento diante do fallecimento de um homem, em roda do qual todas as nações civilizadas se debriçaram para prestar-lhe a ultima homenagem?

O que se ha de dizer a este deputado? Que elle é um truaõ, que elle é um sorna, que elle é um pulha? Mas se o paiz inteiro leu o seu discurso, se é isto o que está na consciencia de todos?

A Camara respondeu ao Sr. Diogo de Vasconcellos como devia—com a hilaridade.

Se S. Ex. me merecesse alguma consideração, eu lhe diria mais alguma cousa sobre o seu discurso.

Mas como S. Ex. não passa, para mim, de um pobre diabo, limito-me a bradar-lhe:

« Ao campo! ao campo! »

AMEROSIO SEVERO.

CRIME DO RIO BONITO

VINTE E DOIS RÉUS

No dia 25 do corrente, dia designado para o julgamento dos vinte e dois accusados, a autoria do arrombamento da cadeia e da morte dos escravos do fallecido fazendeiro José Martins da Fonseca Portella, abriu-se na villa do Rio Bonito a sessão do jury com 38 jurados; mas o Juiz de Direito, Dr. Pires Lima adiou os trabalhos para o dia seguinte, afim de estudar o processo.

No dia immediato, 26, começaram effectivamente os trabalhos.

A villa, de ordinario apathica, pouco movimentada, apresentava um aspecto extraordinario. Dous guardas, a cavallo, percorriam as poucas ruas; em frente á casa da Camara postura-se de promptidão um troço de praças do corpo policial de Niteroy. As entradas da casa da Camara eram guardadas por praças de bayoneta ao hombro.

A pacifica povoação achava-se por assim dizer em—pé de guerra.

Parece que graves apprehensões, grandes suspeitas de possiveis desordens occasionaram esta militarisação improvisada. Nada, entretanto, a justificava. E' verdade que era avultado o numero de réus, mas estes, em quasi sua totalidade, haviam-se entregado espontaneamente á prisão para serem julgados. Além disso, o espirito de ordem dos povos do Rio Bonito e municipios limitrophes é geralmente conhecido. Emfim, antes prevenir que remediar. Proceederam bem as autoridades tomando todas as precauções.

Fora talvez melhor não se ter feito tanto estrepito militar, tamanho apparato bellico...

O que é certo é que aquellas sessenta e tantas praças armadas até aos dentes, sob as ordens de um anspeçada, de um alferes e de um capitão, davam á pequena e pacifica villa um pittoresco aspecto de acampamento.

Muitas pessoas estavam alli desde a vespera, naturalmente attrahidas pela importancia do processo que estava para ser julgado; no qual se achavam envolvidos cidadãos geralmente conhecidos e que por sua posição e relações pessoas despertavam extremamente a curiosidade publica. A todo o instante chegavam novos cavalleiros e a agitação creesceia sem a minima alteração da ordem, nem a mais ligeira demonstração de hostilidade.

Às 10 horas da manhã, sorteado o jury de sentença, começaram os trabalhos.

Causou grande sensação a entrada dos vinte e dous réus na sala, trazidos da cadeia. Apresentaram-se na maior parte abatidos, pallidos, de feições tristonhas e adontados.

Ao meio-dia começou o interrogatorio dos mesmos.

Todos, de modo uniforme, negaram haverem tomado parte no assalto á cadeia, negando mesmo que houvessem vindo á villa na noite de 19 para 20 de Dezembro do anno passado, em que tiveram logar aquelles horribes factos.

Alguns dos réus com essa negativa absoluta destruíram as primeiras declarações feitas no inquerito e na formação da culpa, nas quaes haviam confessado terem vindo á villa na referida noite.

Os interrogatorios prolongaram-se até ás 5 horas da manhã do dia seguinte, 27. A essa hora começou a leitura do processo e ás 10 horas da manhã teve a palavra o digno promotor publico Dr. João Meirelles, rompendo os debates.

Sustentando o seu libello accusatorio, pediu a condemnación dos réus nas penas dos artigos do codigo criminal ns. 127, (arrombamento de cadeia eom o fim de maltratar presos) maximo da pena 5 annos de prisão; 192 (morte, com a circumstancia aggravante de ajuste prévio), maximo: pena de morte; e 205 (ferimentos graves) maximo: oito annos de prisão.

S. S. fallou por espaço de mais de duas horas e com grande brillantismo.

Sem recorrer ás velhas chapas judiarias, futeis e crueis, de que se soccorrem muitos promotores para aleançarem a condemnación de réus importantes, S. S. manteve a accusação em um elevado grão de solemnidade e pujança.

Sustentando a theoria de Hauss e interpretando eom o seu auxilio a doutrina da co-auctoria assentada no art. 4º do nosso codigo criminal, equiparou a criminalidade de todos os réus, pedindo para todos elles as mesmas penas.

Depois de ouvidas algumas testemunhas de pouca importancia foi dada a palavra á defeza, representada pelos

seguintes advogados:—Rodrigues Coelho, Drs. Bernardo de Vasconcellos, Bento de Almeida Pereira, Geminiano Brazil e Valentim Magalhães.

Desde as 5 horas da madrugada, tempo em que acabou o interrogatorio dos réus, deixou a sessão de ser presidida pelo illustrado Juiz de Direito Dr. Raymundo Bráulio Pires Lima, cuja saude, já precaria, muito se havia resentido da fadiga; S. E. mandou chamar o digno juiz municipal Dr. Carvalho de Mendonça, passando-lhe a presidencia e a direcção dos trabalhos.

Ocupou primeiramente a tribuna de defeza o advogado Rodrigues Coelho, cidadão de ineontestavel talento, advogado habillissimo, que, mais de uma vez, tem occupado com brillantismo uma cadeira na assembléa provincial. Tem uma bella presença tribuneira, voz sonora e sympathica, gesto sóbrio e expressivo.

Provou eom grande eloquencia o absurdo de se pedir a accumulção das penas dos artigos 127 e 205 á pena de morte, no art. 192 do codigo, contra a expressa prohibição do art. 61 do mesmo codigo.

A esse advogado seguiram-se os demais, na ordem preindicada. Às 7 1/2 horas da noite, a requerimento do Dr. Valentim Magalhães, o juiz suspendeu novamente a sessão, por espaço de 2 horas e meia, afim de tomarem os juizes de faeto algum alimento.

Continuando os trabalhos, subio á tribuna aquelle advogado, a quem inebumbio a missão de defender o co-réo Manoel do Couto Pereira.

Começou reprovando eom indignação o horrendo crime praticado na noite de 19 para 20 de Dezembro do anno passado, crime que qualifieou de monstruoso.

Mas, demonstrou em seguida que o processo instaurado para punil-o era tão monstruoso como o proprio crime—pois, deixando impunes, fora da acção da Justiça os principaes autores d'elle envolveu na sua réde vingadora mais de um innocente; e estava inçado de tantas irregularidades, de tantas causas de nullidade; a sua prôva era tão incompleta, tão defeituosa, tão falha, que condemnar por ella, indistinctamente, os accusados, seria verdadeira iniquidade. Por fim declarou que a defeza de seu constituinte havia sido feita pelo proprio promotor publico, que declarou haver Manoel do Couto ficado fora da cadeia, sendo-lhe materialmente impossivel maltratar os presos naquella posição, fóra da cadeia.

Replicou em seguida a promotoria eom grande brio, demorando-se em largo estudo sobre a doutrina da co-auctoria e sustentando o libello eom grande vigor.

Respondeu-lhe, replicando pela defeza, o Dr. Geminiano Brazil, que adduzio contra a opinião da promotoria valiosos argumentos, que sustentou profieientemente.

Em seguida, o Dr. juiz de direito interino encerrou os debates; continuando em seguida a escrever os quesitos.

Às 4 horas da madrugada do dia 28 recolheram-se os jurados á sala secreta para responderem ás 22 series de quesitos, de 56 cada serie, ou ao todo 1232 quesitos que lhes foram propostos pelo presidente do tribunal.

Pouco antes de se retirarem os jurados á sala secreta, um d'elles deu logar a um episodio lamentavel.

Tal era o estado de fadiga que acabru-nhava esse cidadão, como todos os seus companheiros de conselho, que o infeliz teve uma allucinação. Pallido, escaveirado, pento, erguen-se da sua cadeira

cia a sahir para a rua, em palmilhas de meias, pois não pudera mais supportar as bottinas, quando o juiz de direito, surprehendido, o chamou, perguntando-lhe para onde ia. Elle balbuciou algumas phrases desconexas e continuou a caminhar. Sendo emfim retido por um official de justiça, dizendo-lhe o juiz que elle não podia sahir por ser jurado, exclamou, com ar idiotado:

— Eu? jurado!... Seu doutor enganou-se:— não sou jurado!

Sómente à meia hora da noite do dia seguinte, 29, isto é vinte e uma horas depois de se haverem recolhido à sala secreta, d'ella sahiram trazendo as respostas aos quesitos.

A ansiedade era immensa, apenas comparavel á fadiga que a todos alquebrava e foi em meio do mais profundo silencio que o presidente do conselho de jurados leu a sentença:— todos os 22 réus haviam sido unanimente absolvidos de todos os crimes porque respouleram.

Em meio á leitura da sentença, um dos jurados, que como todos os presentes ouvia de pé, cahiu subitamente sobre a cadeira, com um longo gemido, manifestando-se em estado de semi-delirio.

Chamados dois medicos para examinal-o reconheceram estes que o jurado apresentava symptomas característicos de completo esgotamento nervoso, produzido por extraordinario cansaço. Foi recolhido do novo á sala secreta, onde foi medicado. Este triste incidente demorou a conclusão do processo.

O juiz de Direito appellou da sentença absolutoria de 17 réus; appellando a promotoria quanto a todos elles.

Finalmente ás quatro horas da madrugada, foram os vinte e dois réus restituídos á liberdade.

É indescritivel o espectáculo da sahida d'esses homens para a rua, onde os esperavam parentes e amigos, anciosos, loucos de prazer!

O jury, um dos mais importantes de que temos noticia do Brazil, durou 66 horas, pois começando ás 10 horas da manhã do dia 26, só terminou ás 4 da madrugada de 29, havendo-se interrompido duas vezes por dia, para que os jurados tomassem algum alimento, sendo os intervallos de duas horas a duas horas e meia.

Eis, rapidamente feito, o *compte-rendu* d'esse julgamento importantissimo.

Durante todo elle a ordem publica não foi alterada, conservando-se a população, embora vivamente curiosa e interessada na causa, perfeitamente ordeira.

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

Antes de começar, agradecendo as palavras lisonjeiras a mim dirigidas pela amabilidade do meu adversario, acho conveniente esclarecer uma cousa.

É exacto ter eu accedido e desenvolvido e explicado até, uma das proposições do meu antagonista, sobre qual seria o *criterium* para se medir a grandeza de um poeta ou de um homem illustre qualquer.

Do entrelaçamento das considerações deduzidas de um principio que tem tomado pela homogeneidade de vistas com que hoje os processos de critica levam o espirito humano a tudo descobrir e explicar, ás proporções de um axioma, o Sr. Julio de Lemos, esqueceu-se que essas considerações vinham esclarecer o campo da discussão, onde nos empenhámos e fortalecer, de ambos os lados, pela ampla direcção do espirito, as partes fracas da questão.

Essas considerações, repito, serviram

para desbravar o terreno e servem de premissas ás conclusões ás quaes eu pretendo chegar.

Não conheço poeta nenhum no mundo que tenha comprehendido claramente a sua arte.

Todos peccam pela falta de criterio, isto é, pelo ponto de vista em que se collocam.

Ou a poesia é reduzida a uma simples questão de forma, de som, propria apenas para agradar ao ouvido, não satisfazendo ás exigencias do sentimento, ou, ainda que elevada ás vezes, torna-se de um prosaismo que chega a ser banal.

Outras vezes dão-lhe um caracter scientifico, confundem-na, reduzem-na a um simples instrumento de trabalho, ou melhor, de discussão, que nada exprime, que não deleita e que finalmente fatiga o espirito e o corrompe.

Trez poetas podem symbolisar o que acabo de expender: Lecomte de Lisle, François Coppée e Sully Prudhomme.

Um, peca pela frieza dos seus versos, pelo indifferentismo das imagens, indifference que provém, talvez, do assumpto quasi sempre, procurado pela phantasia marmorea do poeta.

D'este contacto exclusivo da alma ardente do poeta moderno com as civilizações proto-historicas—resulta a subordinação das faculdades especiaes que concorrem para a formação da obra de arte, ás impressões d'aquellas épocas em que o pensamento e o sentimento estheticos apenas desabrochavam.

Lecomte, filiado ás tradições d'aquellas raças, cujo espirito ainda alimenta a lucta em que se empenham os povos modernos, admirador do passado, cheio de extasis, mas sem a observação poderosa que é o que eleva o pensamento contemporaneo, reproduz tudo quanto a historia lhe apresenta de extraordinario, sem transplantar para o assumpto as energias poderosas, a sublimidade que podia realçar e consolidar a sua obra se nella viesse as emoções que caracterisam o seu seculo, as sociedades actuaes.

François Coppée, tão preconizado por Emilio Zola, em quem acha um combatente victorioso da doutrina da impassibilidade, d'essa doutrina sem vida, sem altruismo, sem calor, sem personalidade até, que possui *trabalhos de uma simplicidade adoravel*, acho ás vezes que elle chega a ser prosaico, de um prosaismo tão simples que se torna insipido, como observa Brunetiere.

O proprio Zola acha-o sem energia, sem virilidade: *Ce qui lui manque, c'est la force.*

Falta-lhe portanto, a primeira condição para escrever o poema de que falla Zola, que deve conter toda a vida moderna.

Coppée poderá offerecer-nos bellissimos trabalhos, poesias cheias da expressão ingenua e sincera dos sentimentos que constituem a nossa vida intima, subjectiva; poderá transfundir na sua poesia as ternuras amorosas do seu coração, as suas lastimas, a melodia do seu grito apaixonado e terno, todo o eserinio da sua phantasia virgem, plangente, casta e amena. Porém nunca será o poeta da humanidade.

Diante de um facto complexo de sociologia, diante de um choque em que elementos contrarios se unem modificando a marcha natural das idéas, a sua muza se calará.

Não tem força nem energia bastante para encerrar dentro da sua alma, os sentimentos revoltos do povo, o fluxo e o refluxo das aspirações fluctuando em busca de um ponto de apoio, as idéas que irrompem do circulo estreito de uma organização social ou religiosa limitadissima e insufficiente para conter as expressões latentes de um movi-

mento que se alarga em todas as direcções, e que encontrando um obstaculo ou é reprimido por elle ou suppera-o, determinando assim a morte, ou vida, a decadencia ou civilização.

Coppée, não conseguirá nunca escrever esse poema.

O poeta da humanidade ainda não nasceu, nem nascerá tão cedo.

As nossas condições intellectuaes, os nossos meios de acção, o estado fluctuante das idéas, a falta de solididade da nossa epocha, o predominio exclusivo do homem, as decadencias monarchicas, os interesses em conflicto, a sciencia dos povos irrompendo ainda dos nimbos de uma religião viciada e egoista e de uma politica pessoal, injusta, estúpida, demoralisadora, indicam claramente que é cedo ainda para o advento da grande poesia que ha de resumir em uma larga synthese a actividade moral, social, politica e esthetica de todos os cyclos historicos da humanidade.

Sully-Prudhomme é um poeta fraco. Os seus propios versos o indicam. A poesia não é aquillo, é cousa inteiramente diversa.

N'elle ha somente preocupação, e isto basta para excluir a poesia de qualquer de seus trabalhos.

O poeta não se preocupa—expõe naturalmente o que viu, o que sentiu; transmite-nos a sua emoção.

A sua grandeza está nesta faculdade de communicabilidade.

Neste facto ha como que a transfusão da organização psychologica do poeta com todo o seu cortejo de emoções, com todo o seu talento, com toda a sua impressionabilidade artistica em nosso organismo, no espirito d'aquelles que o leem, que o ouvem.

Estabelece-se uma solidariedade intima, imperceptivel entre nós e o poeta, os seus sentimentos juxtapoem-se aos nossos, a alma inteira do poeta escóa-se pela nossa serenamente; vemol-a, sentimos-a, ouvimos-a, subimos por todas as anfractuosidades do seu pensamento, chegamos ao pinaculo da sua allucinação.

As suas imagens, as suas idéas, as suas sensações, affluem ao nosso cerebro; suffocam-nos.

Sem que o poeta consiga operar essa transformação, sem que elle consiga penetrar em todas as sinuosidades das nossas emoções, da nossa vontade, do nosso eu, elle não póe ser considerado como verdadeiramente grande.

Sully Prudhomme não o consegue. A sua obra, ainda que muito laboriosa, é obscura, é palavrosa, é falsa, á força de querer ser logica; é fatigante por ter seus o de mais.

A sua obra é inferior á de Lecomte de Lisle, á de Coppée.

É o Dr. Luiz Delfino poderá ser considerado um poeta e um poeta de grandes proporções?

Sim.

Só não responderão pela affirmativa aquelles que não conhecem as suas principaes poesias, ou então os destituídos de senso, os pedantes, os invejosos, como o autor dos *Cantos do fim das Costas*; perdão, *do fim do seculo.*

A obra do Dr. Luiz Delfino dá-lhe o primeiro logar na poesia nacional.

A *Solemnia verba*, é o primeiro trabalho em verso que se tem escripto no Brazil.

Se somos obrigados a reconhecer-lhe defeitos artisticos, propios da rapidez com que foi executada, ou melhor, proprio de um poeta d'aquella estatura, somos arrastados a todo o momento por uma grande admiração pelo poeta, porque os qualros mais bellos passam pelos nossos olhos com a rapidez phantastica de um sonho, que se sabe bem

que é um sonho, mas que se gosta de sonhar.

Rara é a estrophe que não encerre mais de uma belleza.

Um sopro de inspiração percorre as primeiras estrophes da poesia, vibrando todos os seus nervos, encolhendo e rete-sando todos os seus musculos, repercutindo profundamente em todos os seus ambitos, como os Prodomos de um grande acontecimento, como a primeira rajada que annuncia um temporal prestes a desabar.

O espirito espera alguma cousa de extraordinario, mas não sabe bem o que é. E a proporção que augmenta a inspiração do poeta, cresce, avulta a nossa admiração por elle.

No outro artigo apreciarei esse trabalho do grande poeta.

LUIZ MURAT.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Temos continuado a receber numerosas respostas. Mas temos empregado o mais escrupuloso, cuida lo em não dar publicidade ás que nos parecem apocryphas.

Infelizmente, por desculpavel descuido foram contados no nosso ultimo numero alguns votos, assignados por nomes exquisitorios e suspeitos de falsidade.

E procedemos com esse escrupulo porque desejamos que esta especie de escrutinio se realisasse mo lo mais serio e menos falsea lo que for possivel. Eis a razão porque não tem sido muito avultada a somma de votos publicas los.

Nome que nos pareça apocrypho, voto que tenha longes de *troça*—serão implacavelmente s'ericas los.

Por essa razão acabamos de desprezar 22 votos que de uma assentada recebemos para Castro Alves.

Todos esses votos foram-nos enviados em envelopes eguaes, subscriptados com a mesma letra; escriptos em quartos de papel almeço do mesmo tamanho e todos com estas palavras:

« Ilm. Sr. redactor da *Semana* :

« Considero o finto Castro Alves o maior poeta brasileiro » escriptos tambem com letra igual á dos sobrescriptos; e vêm assignados por nomes inteiramente desconhecidos e muito suspeitos, taes como — Francisco da Costa e Silva, José Rodrigues, Manoel Antonio e outros que taes.

Nada! Isto cheira-nos a *cabula* e a *tramota*.

Fóra com ellas!

Todavia, se os auctores desses votos vierem justificar-se ao nosso escriptorio a b'nttil-os-hemos no certamen.

Explicado isto, continuamos na apuração.

Recebemos durante a semana passada e esta que hoje termina 44 respostas.

Votaram:

Em Gonçalves Dias:

Da Corte — Elisa Saturnina do Amaral, Albertina Lisboa, Frederico Candido de Oliveira, Rodolpho Maciel.

De Minas — Sizenando José de Paula Teixeira, Pedro Getulio Monteiro de Mendonça, Joaquim Getulio Monteiro de Mendonça, João Getulio da Silva Chaves, M. P. Farias de Mendonça.

De Capivary (provincia do Rio) — Dr. Liborio José Seabra.

De Pelotas (Rio Grande do Sul) — Leopoldo Frederico do Rego, H. de Barros Figueiredo Junior.

De Santos — Heitor Peixoto.

De S. Paulo (capital) — Gaspar da Silva e Wenceslau de Queiroz.

EM CASTRO ALVES

Da corte.—Eduardo Nervey da Silva, João Lustosa de Sousa, Alfredo Mariano de Oliveira, Dr. Aquino Fouseca.

De Santos.—João Antonio da Cunha Junior.

De Muzambinho (Minas).—Julio Tavares.

EM LUIZ DELFINO

Da corte.—Silva Nunes, Francisco Moura, Ferreira da Costa, João da Motta de Azevedo Corrêa, Luiz Antonio Alves de Carvalho Junior.

De S. Gonçalo.—Porfirio S. Pacheco. De Nietheroy.—Alfredo de Macedo Domingues.

De Santos (S. Paulo).—A. Ferreira Carneiro.

Do Recife (Pernambuco). — Alfredo Alves Sampaio.

EM ALVARES DE AZEVEDO

De Ouro Preto (Minas).—Francisco de Paula Lins.

De Pelotas.—F. de Paula Pires.

EM FAGUNDES VARELLA

De Araraquara (S. Paulo).—Rogerio Ferraz.

De Sacra Familia do Tinguá (provincia do Rio).—José Eulalio de Andrade.

EM CASIMIRO DE ABREU

Da corte.—Sandim Junior, Alfredo E. Pereira, Antonio de Souza Costa, Arthur Rocha.

EM EMILIO ZALUAR

Da corte.—Manoel de Sá Pereira.

EM PORTO ALEGRE

Da corte.—Graciano Gomes Sodré, Bartholomeu Portella, Octavio Tavares Jardim, Manoel Affonso P. Ramos.

RESULTADO

Gonçalves Dias.	95
Castro Alves	51
Luiz Delfino.	34
Casimiro de Abreu.	31
Theophilo Dias.	14
Fagundes Varella	7
Alvares de Azevedo	5
Porto Alegre	5
Luiz Guimarães Junior.	4
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio.	2
Bernardo Guimarães	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz.	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1
Olorico Mendes.	1
Laurindo Rebello.	1
Santa Rita Durão	1
Damaseno Vieira	1
Emilio Zaluar.	1

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães:

A pessoa incumbida de distribuir pelos nossos homens de letras a amavel carta-circular da redacção da *Semana* sobre a interessante questão: Qual o maior poeta do Brazil?—não se teria enganado no endereço da que me veio parar ás mãos?

No caso contrario, se não bastasse a voz da consciencia para convencer-me da minha absoluta incompetencia em assumpto tão melindroso, eu poderia ainda socorrer-me á criteriosa sentença—poetas, só por poetas podem ser julgados—para decentemente esquivar-me á responsabilidade tremenda de emitir opinião em materia a que sou completamente alheio; entretanto o dever de cortezia me força corresponder a tanta amabilidade com uma resposta qual-quer.

Eis a ahí porque me aventuro, mas sob uma condição: Não exija V. que fundamente o meu voto; deixe que falle apenas o coração: e dir-lhe-hei, que no meu entender, nem a incorrecção de linguagem ás vezes sensível, nem a trivialidade de algumas produções, podem ensombrar a brilhante reputação de primeiro poeta brasileiro, que entre os profanos como eu, soube firmar Gonçalves Dias com os seus cantos americanos.

De V.

Côrte, 6 de Maio.
1885.

Admirador e servo—B. de Teffé.»

PRIMUS INTER PARES

Entre os poetas que, verdadeiras gemas preciosas, opulentam o escritorio da litteratura Brasileira, destaca-se o vulto gigante de Luiz Delfino, sobrepujando-os com o seu esplendor, á semelhança de um astro de primeira grandeza brilhando no azul do firmamento. Negar esta evidencia, é querer desconhecer a supremacia da MONTANHA DE LUZ entre os seus congeneres—os diamantes.

20 de Maio de 1885.—Luiz A. A. de Gama Velho Junior.»

UM HOMEM GASTO

(Conclusão)

Outro ponto.

Insultou-se L. L. porque o *Noviço* arguiu-o de tacanho em conhecimentos philosophicos. Nada mais razoavel do que essa acensação. L. L., collocando o seu heróe em Paris, e fazendo correr a accção na actualidade, tinha obrigação rigorosa de cereal-o das influencias intellectuaes da epoca. Ora é sabido que na atmosphera intellectual d'aquelle grande centro, de 30 annos a esta parte, predominam as idéas positivas, variando do Lamarckismo e Darwinismo, para o Comitismo, do Comitismo para o Litreísmo, Latitismo, Spencerismo, monismo e todas as nuancas mais ou menos Kantistas, que oferece o ponto de vista scientifico moderno; nunca, porém, o sensualismo de Locke, Condillac e outros philosophos, que apenas entram como elementos tradicionaes na contextura dos systemas vigentes.

Tendo tomado as citações dos sensualistas alludidos como um symptoma do estado mental do romancista, L. L. aborreceu-se, e veiu com a correctada de que o *Noviço* o que queria era obrigal-o a pedantear com a lista de todas as philosophias desde a seita Djaina da Tsharwaka. (Porque não alludio a uma philosophia mais antiga ainda— a pitheicoile, dos macacos que precederam o homem na evolução natural?) Não: o que o *Noviço* quiz foi insinuar que, se L. L. tem illustração e já percorreu todas as provincias do saber humano, não entendeu, não aprendeu, não assimilou nada.

Repete sem sentir, discute sem estar penetrado das idéas que sustenta, facto muito depen lente de uma cousa que os psychologos chamam facultade de generalisação, e os physiologistas cerebração inconsciente.

Vamos agora ao ultimo ponto.

Censurámos L. L. por haver attribuido o desastre de Alberto ao unico factor da educação collegial. L. L. defende-se dizendo— que não é exacta essa asseveração e que a influencia collegial era o ultimo termo de uma serie de causas, e que quanto á influencia da hereditariedade na la tinha que vér com ella, porque fizera nascer o seu heróe physica e intellectualmente perfeito.

Não ha maior ignorancia em psychologia do que esta, nem maior contradicção.

De sorte que o internato consolidou o caracter de Alberto, e d'ahi em diante tornou-o tão impenetravel a todas as outras influencias, que elle apezar de ter frequentado a sociedade fluminense, de haver adoptado uma profissão, de ter estado em Pariz, viajado, etc., por nada d'isto se deixou influenciar.

De sorte que ainda esse factor absoluto constituiu-se tão intolerante, que um homem, nascido physica e intellectualmente perfeito, não teve outro geito se não immobilisar-se e transformar-se no fakir dos novos tempos.

L. L. não sabe em que se metteu. L. L. é tão inexperiente que ignora que um organismo naquellas condições é um centro de resistencia, contra o qual não ha victoria possível, se não em casos imprevisos, fora da ordem commum.

Admittir o contrario é tornar impossível a selecção moral.

Um homem perfeito physica e intellectualmente é um forte; e um forte vence, não é vencido; resiste á corrupção, não cede a ella tão facilmente.

Se, pois, Alberto cedeu pela forma porque o romancista expõe, é que elle não passava de um ente fraco, se não vesânico, com predisposições para a crapula, e todos os vicios que o levaram ao suicidio.

Agora uma palavra em despedida, e uma declaração util.

Começou L. L. o seu artigo notando no critico erros de grammatica e não sabemos que mais, julgando offendel-o com isto.

Pois bem; perdeu o seu latim.

O *Noviço* tem profun a *insouciance* em materias d'esta ordem. Nunca se preocupou com pureza de linguagem, e deixa esse cuidado aos especialistas, que estudam esses elementos com o fim de enriquecer a anthropologia, cousa aliás muito séria, ou aos tolos que não têm outro objecto com que encher a cabeça.

No mais, faz até garbo em escrever mal o portuguez, esforçando-se apenas por ser claro e expressivo, mesmo por que entenle que a lingua que fallamos precisa ser bastante corrompida para chegar ao seu aperfeiçoamento.

Além d'isto acredita que certas preocupações muito prejudicam a expressão.

Lessing, no seu *Laoconte*, livro tão importante que Goethe leu duas vezes em 24 horas, e que L. L. deverá lêr 50 vezes, observa que toda a expressão de força que se nota no Hercules Farnese, estava subordinada á desproporção das coixas da estatua, que tinham sido reguladas por uma medida inferior á que devia ser guardada.

Finalizando aqui, o *Noviço* pode aos leitores desculpa por não haver descartado todo o arsenal da critica para tratar de um assumpto de tal ordem.

Seria ridiculo agarrar o Pão d'Assucar para esmagar uma mosca, ou para demonstrar que L. L. nunca foi naturalista.

O Noviço

THEATROS

« A FILHA DO GUEDES »

Com esta peça levada á scena do Recreio Dramatico, na noite de 23 do espirante so foi feliz a distincta compositora D. Francisca Gonzaga, que para ella escreveu alguns bonitos numeros de musica. Todos os mais — o autor, « um dos mais conhecidos e festejados

autores dramaticos», os actores que a representaram e o empresario que a montou—fizeram *fiasco*. A peça é simplesmente—uma *peça*.

Não conhecemos a comedia franceza *Les Bons Ignorant*, da qual foi arrancada a *forcepts* a *Filha do Guedes*, mas acreditamos que seja uma comedia interessante e espirituesa. Melhor houvera sido que o arranjador brasileiro se contentasse com traduzil-a litteralmente, do que estragar o que ella tem de bom, misturando-o em má hora, com os adubos especiaes de casa. O resultado d'este processo foi um angú indigesto, enfartado, uma feijoadá engordurada, cheia de pimentas ar-lentes e limões azedos...

São tantos os defeitos que levariamos o resto do anno a enumerar-os...

O comparecimento d'aquella *cocotte* despejala a uma festa de familia em Pindamonhangaba, em companhia de um pavoroso *bilontra*, tão *bilontra* que a *cède* ao seu amigo Arsenio, o noivo, da melhor vontade, no proprio dia do casamento; o facto de se desmanchar este unicamente por causa da simulada opposição da mulher de Guedes, de quem este havia dezoito annos vivia separado, por causa de um soco, como se tal opposição podesse ter algum valor; a partida subita de toda Pindamonhangaba para a corte, afim da descobrir a mulher de Guedes; a ida do barão-delegado por eausa da tal *cocotte* de quem aliás não faz nenhum caso, sacrificando, para conquistal-a, as suas proprias barbas auctoritarias e russas; o mascaramento de toda aquella tropa que cahio na corte em pleno carnaval; a bebedeira helionda de Arsenio, que se desembriagou como por milagre para o fim especial de se arreprender de haver abandonado a noiva; o reconhecimento do barão-delegado pelo tenente-coronel Guedes, apesar de estar aquelle de barba rapada; eis algumas das muitissimas inverosimilhanças d'A *Filha do Guedes*.

É além disso—é de uma frescura!... Tem cada patifaria de fazer corar um policial...alorruccido!

Quanto ao desempenho, seria crueldade exigir outro melhor do que o que lhe dêram os artistas do *Recreio*—é impossível representar aquillo decentemente.

Digamos, to havia, por amor da justiça que elles fizeram o que puderam.

Se a peça naufragou não foi por culpa d'elles. Os pobres artistas não têm o dom de fazer milagres!

A musica mal tocada e mal cantada, agradeou muito porque é realmente bonita.

O côro de abertura, o tango *Menina faceira*, a aria *Grati esperanza*, a valsa do terceiro acto são trechos alegres, faceis, originaes.

Principalmente o tango *Menina faceira*, que foi bisado e muito applaudido, é caracteristicamente brasileiro e está destinado á popularidade.

Da *degringolade* theatral da noite de 23 so conseguiu salvar-se a musica.

Damos por isso os parabens á auctora.

Requiescat in pace a *Filha do Guedes*.

A SEMANA

O *Diario Mercantil*, de S. Paulo recebeu o nosso n.20, com as seguintes amabilissimas palavras, que agradecemos cordialmente:

« A SEMANA »

Este notavel e elegante periodico vae cortando um mar de flores... de ouro.

O presente numero já foi impresso em typographia propria, não desmerecendo em nada, quanto á nitidez de impressão dos outros numeros.

Era de esperar que o favor publico babejasse esta folha, porque, a fallarmos com franqueza, ella nos tem dado uma boa porção de ascriptos litterarios que satisfazem plenamente os paladares mais exigentes em arte, tomando-se esta palavra na sua mais genuina expressão.

A frente da *Semana* está Valentim Magalhães, o indefeso batalhador das letras, que, sem contestação, é a mais solida garantia para a sua prosperidade.

Ao seu lado, figura tambem um fulgurante cortejo de nomes laureados na poesia, no romance e na critica, etc.

Em o numero 20, que tomou sobre a mesa, ha artigos de subido valor litterario como o *Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional*, de Luiz Murat, *Germinal*, de Araripe Junior; *Ruy Vaz*, de Aluizio Azevelo, etc.

No certamen proposto pela *Semana* o vencedor ate agora é Gonçalves Dias. »

COFRE DAS GRACAS

- Então partes hoje?
- Parto hoje, sim.
- Porque não alias a viagem?
- Não posso; o cavallo está á minha espera.
- Ora! Então o cavallo não pôde ir á pé?...

Authentica:

Na villa de C... Procede-se a um exame cadaverico. O subdelegado, que presidia ao acto, com simplicidade, para os auxiliares do exame:

— Botem agua da barraca, botem agua da barraca... p'ra evitar os miasmas...

COLLABORAÇÃO

VICTOR HUGO

*Je te salue au s'uil severe du tombeau,
Vo chercher le vrai, toi qui sus trouver le beau*
VICTOR HUGO.

No dia 22 do corrente, por meio do fio telegraphico, Pariz disse ao mundo estas tristes e aterradoras palavras:—Acaba de fallecer Victor Hugo.

E o mundo inteiro estremeceu com o baque d'esse astro que desobava e commoveu-se e verteu lagrimas por esse vazio que se fazia na terra.

Era morto o grande Poeta do seculo. Apagara-se o Sol que illuminara toda a civilisação, ausentara-se da Terra o Deus que tanta cousa creara, que tanta cousa fizera viver.

E foi grande a dor e foi geral.

Quando o sublime philosopho de Nazareth expirou na cruz, so teve para chorar-o os seus discipulos e so muito depois foi que o seu nome encheu os seculos.

Victor Hugo — morrendo, teve para choral-o a Humanidade.

Era porque um—o Christo—era uma só religião, e Hugo era to lous as religiões, encerrava em si todas as paixões, todos os sentimentos e todas as aspirações. Elle era o Zeus tempestuoso, o Deus de cem braços, Phitá, Hina, Gangá e Vishnú e Jehovah.

Todo o mundo o conhecia, porque elle era um Deus Universal.

Ah! como todos nos choramos o Pai do nosso espirito.

Com que assombro o vimos subir, abrir as azas e as espalmar no mais concavo do céu da poesia lyrica e ahi dar as mais complicadas curvas e pairar no azul, sereno e bello como um passaro-rei, e repousar nas mais altas cordilheiras e depois descer á Terra e sacu-

dindo as pennas colmal-a de versos de ouro e tintos nas Auroras.

Como fo. grande a sua madrugada da o seu dia e o seu crepusculo!

A creança rachitica e enfezada, que nascera em Besançon, quando o seculo tinha dous annos, devia ser na sua adolescencia um egual de Lamartine, na sua virilidade o rival de Eschylo e de Pindaro, e na sua velhice o irmão e o companheiro de Homero.

O seu passado foi todo de luctas e de victorias, de acerbos dissabores e de grandes compensações.

Na politica, como nas letras, elle viu-se negado, apupado, exilado e tudo soffreu sem vergar, como um espirito superior que era. Elle bem sabia que a França tinha por fim de reconhecer o poder de seu genio e que Pariz inteiro para render-lhe homenagem e veneração desfilaria no futuro, em romaria sob as janellas de sua casa.

Foi Hugo o chefe d'essa brilhante revolução litteraria, d'essa época de effervescencia de espiritos e de fervilhar de idéas, que fez lembrar a Renascença e que se chamou Romantismo.

O seu grito foi o celebre prefacio do *Cromwell* e na bandeira que elle hasteára aos quatro ventos, lia-se em letras rutilantes a legendaria divisa:—*A arte pela arte.*

Ouvindo os protestos do classismo e as vozerias dos mediocres, Hugo sorria-se como um Omnipotente e atirava-lhes o seu desprezo e com elle mais um drama, e offuscava-os com as scintillações de mais um poema. E os sons da trompa de *Hernani* e os delirios amorosos de *Marion Delorme* fazia-os pasmarem de espanto e de admiração.

Como muito bem diz—Théodore de Banville, um outro magico do verso, cada poema de Victor Hugo que surgia era como se em uma *soirée* de bons burguezes occupados em jogar o loto e comendo castanhas e bebendo cidra se visse de repente entrar um leão.

Havia na organização de Victor Hugo todo o temperamento de um hespanhol, mas de um hespanhol em cujas veias corresse o nobre e cavalheiresco sangue sarraceno. Restaurando as gothicas cathedraes e os castellos medievos e fazendo pulsar a natureza e desencadeando as paixões e os sentimentos, deunos obras moldadas em bronze, e que hão de existir tanto quanto o mundo.

Ah! quantas vezes não nos fez elle sonhar e remontar ao paiz do Ideal: esbracedada e aquecida pelo Bello, ao lermos as *Balladas* e as *Orientaes* passar mil deslumbramentos, abrir-se mundos novos.

Sentiamo-nos ora em Andaluzia, ora em pleno Oriente, e com elle percorriamos Alhambras arrendadas como pombas, tecidas nas mais leves e delicadas filigranas, palacios da mais complicada architectura e broslados de ouro e prata e de attrahentes baixo-relevos e de labyrinthicos arabescos. E pisavamos os pateos de marmore que se rasgavam largos e arcejados, e onde nas piscinas a agua cahia em pó, em jactos, em toalhas n'um murmuro brando e doce.

O alôes, o cedro, as rosas, a myrrha e o cardamomo perfumavam e refrescavam a pureza do ambiente.

— E nós, o estrangeiro, o viajante offuscado e commovido, sustinhamos a respiração com medo de perturbar os sonhos da apaixonada e pensativa princeza, da sultana de pupillas negras e de ouro, que se debruçava na architravada e ogival janella julgando ouvir na areia das alame-las o abafado passo do corcel que conduz o seu gentil senhor e amado cavalleiro.

Quem mais hade cantar o Amor puro e celeste como em D. Sancho e Doña

Rosa, desvairado e louco como em Ruy Blas?

Quem mais ha de cantar os heróes?

Com suas mãos potentes Hugo soube arrancar do passado e resuscitar, dando-lhes mais bellezas, as velhas Formas e os Rhythmos de Ronsard e as balladas de Villon. E o verso que é aguia, e é leão, e é rouxinol, que voa, que rug e canta esorri e tem lagrimas, sahia-lhe da penna ou evolava-se-lhe dos labios harmonioso e vibrante como o crystal. E a estrophe alava-se, carrilhonando a Rima.

Gerard de Nerval, essa alma melancholica e triste, Gauthier, o divino cizelador de joias litterarias, o poeta impecavel, o musico da palavra, e Banville, um grego do tempo de Praxitelles e Saint-Victor, esse colorista da prosa, o Ticiano do periodo; — durante toda a sua vida só tiveram um idolo e esse idolo foi o grande Mestre.

Agora que as pennas todas se cruzem em funeral e que todos murmuremos baixo estes hugoanos versos no momento da despedida:

Monte, esprit!... Grandis, plane, ouvre tes ailes, va!...

Maio de 1885.

ALBERTO CONRADO

Je veille et nuit et jour mon front réce enflammé.

VICTOR HUGO.

Já glorificado em vida ascensionava-se Hugo do orbe terrestre entre hosanas que a humanidade prosternada eleva cndeosando o seu nome.

O seu desapparecimento d'entre os vivos faz sangrar o coração dos que vivem, mas essa dor suprema eclipsa-se ante a sublimidade da estrophe que era seu lemma:

« Patria, Amór e Caridade! »

Em seu sonho constante o homem-deos igualou todo o genero humano tirando com ferreo pulso d'infinas classes os seus heróes!

Theorista da perfectibilidade, o seu coração foi o throno em que assentou Bonjean e Messalina: creador do bello horrivel consorcio sob purissimo amor *Déa* e *Gwiupleine* eterniza em paginas de bronze *Quasimodo!*

Identificando-se com Christo burilla o seu *venite* na esplendorosa epopéa — *L'art d'être grand-pere!*

Exilando-se, deixa após si clarões de luz, que pairando no céu da patria vivificam a alma popular insuffando-lhe a heroicidade precisa para instituir o governo do povo pelo povo.

De longe, noite e dia, seu coração se biparte entre o amor dos seus e o da patria; entretanto a humanidade pasma fitando Jersey, sabe que ali reside o cerebro potente do qual lhe advirá a sonhada soberania! Sabe que ali reside o homem creador que ajudou a demolir a França monarchica para reconstruila a poderosa e democratica.

Mães, crianças, patria, este é o homem impio na phrase do Sr. Diogo de Vasconcellos, deputado brasileiro!

Infeliz Brazil! que seria de ti sem a pleiade nobilissimos que vivem e te estremeçam?!

Victor Hugo não morreu. Vive!
Salve, França!

JOSÉ MARIA PIMENTEL

VICTOR HUGO

Acaba de desapparecer Victor Hugo, o mais eminente vulto da França.

Poeta, romancista e homem politico, Victor Hugo realisa n'este seculo de actividade intellectual o ideal do homem publico.

Que fará sem elle a França?

O. DE NIEMEYER.

PETIT-TABLEAU

(A V. MAGALHÃES)

A vivenda é pequena. Suas janellinhas brancas ornadas de cortinas azues, abrem-se de par em par para os campos verdejantes, onde, ao longe, aqui e alli pastam carneirinhos.

Aquelles arvoredos de um verde escuro, sombreavam o jardim, onde bandos de passarinhos fugindo aos raios do sol, saltitavam cantando.

Aquelle luar esplendido, passando, melancolico, pelas cortinas cahidas, ia colorir com sua cor de prata, o tapete macio do quarto.

O reposteiro da alcova agita-se, uma mãosinha branca levanta-o e pouco depois uma mulher com os cabellos cahidos por sobre o roupão de cambraia, chega á janella.

Fitando o céu scintillante de estrelas faz ouvir uma canção de amor que vai perder-se na extensão dos campos.

Um moço que mansamente se occultára no cortinado, apparece então e passando-lhe o braço pela cintura fina beija-lhe docemente a fronte...

A lua caminhava; aquelle raio curioso que ia expirar no tapete desapparecera, e elles dous n'aquella janellinha com trepadeiras em flor, conversavam ainda fitando os campos illuminados pelo luar:

DIONYSIO B. TANCREDO

Março—85.

RECEBEMOS

Themas e Variações (Bahia).—Um volume de poesias do Sr. F. Xavier F. Marques. Traz um prologo firmado pelo Dr. Valentim Magalhães.

Vamos lê-o.

Arminhos de Garcia Redondo. E' uma colleção de ligeiros contos. Brevemente daremos nossa opinião.

Do conhecido editor David Corazzi um volume pertencente á *Bibliotheca do Povo*, sob o titulo *Armara*, e outro ás *Biographias de homens celebres* intitulado *Alexandre*.

Um convite para o sarau-concerto que o Club do Engenho Velho realisa hoje. Lá estaremos sem falta.

Revista Maritima, n. 10, anno 4º.

CORREIO

Sr. João Ribeiro.—A sua poesia *No Capitolio*, tem bonitas idéas e seria mesmo muito boa se fosse toda em verso. Mas o Sr., que faz correctamente o hendecassyllabo, erra deploravelmente o alexandrino. Exemplo:

Dobrar-se sobre si o grave espirito humano. Do tamanho d'um seculo estendia a mansa.

Se a quizer corrigir... sabe que publicamos com muito gosto os seus trabalhos.

Sr. Antonio Roza da Costa.—O seu soneto *Barbaridade* é mesmo uma barbaridade... Pois o Sr. não tem pena da gente?

Se tem, mande-nos versos correctos... pelo amor de Deus!

Typ. d'A Semana, T. do Ouvidor, 36.

A SEMANA

COSTE

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Director—VALENTIM MAGALHÃES

PROVINCIAS

Semestre..... 18000
Anno..... 38000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO CUIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicadas

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE—O incidente Morel; *Filinto de Almeida*—O conego Belmonte—Politica e politicos; *Ambrozio Severo*—Um homem gasto; *Norico*—Luiz Dellino; *Valentim Magalhães*—Questão litteraria—Auroras—«Diario de Noticias»—«Valentim Magalhães, estudo por Sylvio Romero»—Theatros—Ruy-Vaz, romance; *Aluizio Azevedo*—Victor Hugo, soneto; *Rauquel de S. Paio*—Tratos á bola; *D. Pastel*—Recebemos—Anuncios.

EXPEDIENTE

Ao Sr. Antonio Luiz do Couto agente d' *A Semana* em Niecheroy, roga-se o obsequio de vir a este escriptorio, para liquidação dos seus negocios com esta folha.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1887.

O Incidente Morel

Como redactor d' *A Semana*, cabe-me o dever de fazer algumas considerações ao incidente provocado pelo Sr. Charles Morel, redactor da *Revue Commerciale, Financière et Maritime*, que teve como resultado a retirada de Valentim Magalhães, director d'esta folha, da redacção da *Gazeta de Noticias*. Estas considerações explicam concomitantemente a attitudo d' *A Semana* em toda a questão.

O Sr. Morel, tendo *passado* á *Semana* a unica perna que infelizmente possui, pretendia incumbir-se do trabalho que esta folha primeiro tomara a si: grande manifestação de pesar pela morte de Victor Hugo.

Allegados como de bom aviso por S. S. os seus titulos de unico jornalista francez n'este paiz, *A Semana*, pela voz do seu director, cedeu-lhe os direitos de iniciativa e recolheu-se cavalheiramente ao silencio. O retrahimento por parte d'esta folha prova cabalmente que ella não pretendia á somera do glorioso nome do Mestre atrahir sobre si a attenção publica ou fazer da homenagem que se ia prestar um elemento de *réclame*, como alguns malignos por ali aventuraram. Na sua qualidade de jornal litterario que dispõe da adhesão e da sympathia de quasi toda a mocidade que na capital do Imperio trata letras, corria-lhe imprescindivel e inalienavel o dever de honrar a memoria do grande genio da litteratura do seculo, e a convocação de uma assembléa de jornalistas não significava mais do que o simples cumprimento d'esse dever.

Desle, porém, que outro jornalista, e

francez, apparecia como um elemento perturbador e divisorio dos factores da grande manifestação projectada, *A Semana* entendeu com muito boa razão e segurança de juizo que qualquer manifestação que depois d'isto se fizesse não attingiria a solemnidade e a grandeza dignas do nome de Victor Hugo—e retirou-se satisfeito de saber que fora o primeiro jornal que lembrára a homenagem, embora ficasse a outro a prejudicada gloria de executala.

Não se enganava *A Semana*; o Sr. Morel conseguio reunir grande numero de pessoas, mas a reunião foi desordenada e tumultuosa, conforme declarou o illustrado Sr. Dr. Aquino Fonseca, em carta dirigida á redacção d' *O Paiz* e publicada no dia 1.

A noticia que *O Paiz* deu d'essa reunião provocou ao Sr. Morel uma carta descozta e atrevida, á qual Quintino Bocayuva respondeu com um brilhante assomo de dignidade e de brio, na la estranheza em quem tem sabido manter no jornalismo brazileiro o logar de honra pela seriedade, pela honrabilidade e pela rectidão; nessa resposta, porém, accusava-se a imprensa de *despreocupação e lenidade* e dizia-se-lhe peremptoriamente que ella não tinha patriotismo e nem ao menos sabia ter a *solidariedade da honra*.

Estas accusações, que repetidissimos actos da nossa imprensa justificam, chocou especialmente a *Gazeta de Noticias* que no dia seguinte tambem encontrou accusações para *O Paiz*.

Até aqui a primeira Phase da questão. Accusação d' *O Paiz*; retaliação da *Gazeta*.

A segunda Phase começou com o artigo de Quintino Bocayuva em resposta á *Gazeta*, artigo em que se atacava francamente o assumpto e em que se reprochava á *Gazeta* a má acção de ter abandonado o seu collaborador Valentim Magalhães, o qual, como director d' *A Semana*, convocára primeiramente a reunião de jornalistas, e onde se acrescentava que *O Paiz* não comparecera á reunião Morel, por não querer encampar o facto de se mandar ou deixar atirar ás *artigas* o Sr. Dr. Valentim Magalhães pela mão do Sr. Morel.

E' necessario e urgente notar-se antes de tudo que a dignidade pessoal de Valentim Magalhães em nada fora offendida nesta discussão.

No mo do porque o artigo d' *O Paiz* encaráva então o incidente e na conjunctura em que collocára a *Gazeta*, corria a esta o dever imprescindivel de defender-se da accusação no que ella se referia ao abandono do redactor d' *A Semana*, sem o que haveria pelo menos desattenção para com elle e confirmação da proposição d' *O Paiz*, o que obrigaria Valentim Magalhães a retirar-se da redacção da *Gazeta*. O Publico ja então commentava vivamente estas occuren-

cias, de maneira pouco favoravel para Valentim Magalhães.

O lamentavel facto que cobrio de luto e dor a respeitavel familia do redactor chefe d' *O Paiz*, fez com que a *Gazeta* retirasse o artigo em que pretendia defender o seu collaborador. Não apparecendo, pois, no dia seguinte o esperado artigo, e não se lhe tendo dado a menor explicação ou aviso, Valentim Magalhães, como sempre tem feito em todos os actos da sua vida, cumprio o seu dever—despedio-se do logar que occupava na *Gazeta de Noticias*.

Exposta assim a questão, com a mais rigorosa verdade e fidelidade, facil é ao publico decidir quem tem razão em tudo isto.

O que a redacção da *Gazeta* nunca poderá explicar cabal e airoosamente é o facto de haver comparecido, na pessoa do seu redactor principal, á reunião convocada pelo Sr. Morel—um estranho não tendo anteriormente comparecido á convocação por Valentim Magalhães—um compatriota e da casa.

E' inutil qualquer commentario n'outro sentido.

FILINTO D' ALMEIDA

O honra sobre quea se apoia um povo inteiro, precisa de se apoiar sobre uma mulher.

VICTOR HUGO

O CONEGO BELMONTI

Falleceu, na madrugada do dia 30 de Maio proximo passado, o conego Agostino Ferreira da Cruz Belmonte, antigo e proecto educador da mocidade e director do acreditado collegio S. Francisco de Paula. Foi pregaor de fama; aos seus sermões de quaresma a multidão acudia pressurosa, se lenta da sua palavray inspirada, como a uma fonte abundante de agua limpida e pura.

Do muito que lhe deve a instrucção publica do paiz podem dar honroso testemunho muitos homens illustres que foram discipulos do «padre-mestre Belmonte» e que hoje occupam brilhantes posições nas letras, na politica, na magistratura, na sciencia e no magisterio. Era uma consciencia recta e um coração bondosissimo—esse venerando sacerdote, por cuja perla hoje vestem luto, com os seus innumeros amigos e discipulos, a Igreja e a Instrucção.

A Semana associa-se com sincero dó ao geral sentimento por esta morte, verdadeiramente lamentavel.